

Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos¹

Science of Religion: a proposal on the way to minimum consensus

*Arnaldo Érico Huff Júnior**
*Rodrigo Portella***

Resumo

O objetivo deste artigo é problematizar e refletir acerca do estatuto epistemológico da Ciência da Religião, e buscar, a partir deste exercício, colocar alguns fundamentos básicos, que se propõem como minimamente consensuais, para uma definição sobre Ciência da Religião. Assim, o artigo reflete o debate na área, e busca sínteses que pretendem conciliar visões por vezes antagônicas sobre o tema.

Palavras-chave: *epistemologia, ciência, religião.*

Abstract

The aim of this article is to problematize and reflect upon the epistemological statute of Science of Religion. In this exercise, some basic grounds are proposed as a minimum consensus for defining Science of Religion. Thus, the article reflects the debate on the field, finding syntheses intended to conciliate some often antagonistic views on the issue.

Keywords: *epistemology, science, religion.*

¹ Recebido em 10/04/2012. Aprovado em 15/08/2012.

* Doutor em Ciência da Religião (UFJF), com estágio doutoral na Universidade Livre de Amsterdã (Holanda), e Professor Adjunto no Departamento de Ciência da Religião da UFJF.

** Doutor em Ciência da Religião (UFJF), com estágio doutoral na Universidade do Minho (Portugal), e Professor Adjunto no Departamento de Ciência da Religião da UFJF.

Introdução

É necessário, de forma preliminar, situar o presente texto em seu contexto. No âmbito do Departamento de Ciência da Religião da UFJF (DCRE), a partir das políticas do Reuni para as universidades públicas federais, decidiu-se pela criação do curso de graduação (licenciatura e bacharelado) em Ciência da Religião. O presente artigo, portanto, reflete parte do *Projeto Político-Pedagógico do curso de Graduação em Ciência da Religião*, elaborado no âmbito do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, com vistas à implantação do curso no segundo semestre de 2012.

Ainda a fim de melhor explicar o que segue (particularmente a parte anexa a este texto/artigo, ou seja, a grade de disciplinas do curso em questão), faz-se necessária breve explicação sobre o contexto maior em que o curso de graduação em Ciência da Religião insere-se, inclusive em [relativa] dependência e continuidade. O citado curso de graduação será a continuidade (2º ciclo) de um bacharelado interdisciplinar em Ciências Humanas (1º ciclo, no modelo Reuni) presente na UFJF. Portanto, em tese, a pessoa que ingressar no curso de graduação em Ciência da Religião já estará formada em um curso/bacharelado (Ciências Humanas) que contempla algumas disciplinas específicas dos estudos sobre religião. Uma visão geral do curso de bacharelado em Ciências Humanas está disponível em: <http://www.ufjf.br/bach/>. O bacharelado interdisciplinar em Ciências Humanas (abreviado “BACH”) tem sua duração prevista em dois anos e meio, e, terminado este curso, o estudante pode optar por outro curso (2º ciclo), a saber: Ciências Sociais, Filosofia, Turismo ou Ciência da Religião que, no caso, terá a duração de mais dois anos. Sim, dois anos, pois muitas das disciplinas “genéricas” da Ciência da Religião podem ser cursadas no 1º ciclo (BACH), tais como Sociologia da Religião, Antropologia da Religião, História das Religiões, Psicologia da Religião, Filosofia da Religião, Fenomenologia da Religião, entre outras. Os estudantes, no

referido curso de Ciências Humanas, também cumprem carga horária em disciplinas de outras áreas do saber, particularmente relacionadas às Ciências Sociais, Filosofia e Turismo, que perfazem as possíveis opções para o segundo ciclo, mas também às áreas de História, Geografia, Psicologia e Letras.

As disciplinas do 1º ciclo (BACH) são eletivas pelos alunos, ou seja, cursam eles as que mais lhes apresentam interesse, conforme o curso que elegerão para o 2º ciclo. Contudo, há uma carga horária mínima de disciplinas a cursar em cada âmbito do saber (nomeados como “matérias”), assim classificados: Filosofia e Ciência da Religião [matéria em que estão alocadas as disciplinas específicas de Ciência da Religião no BACH], Tempo e Espaço, Sociedade e Cultura, Letras e Artes, Formação Científica. O estudante deverá, *no mínimo*, completar 16 créditos em cada uma das matérias listadas, com exceção da última, que exige o mínimo de 8 créditos. Assim, se o aluno quer, no 2º ciclo, inscrever-se no curso de Ciência da Religião, elegerá, prioritariamente e em maior volume, as disciplinas relacionadas à Ciência da Religião, sendo que, no último semestre do BACH, deverá cursar disciplinas introdutórias e que fazem a “ponte” para o ingresso no curso específico de Ciência da Religião, a saber: Linguagens da Religião, Introdução à Ciência da Religião, Teorias da Religião, Religiões no Brasil e Diálogo Interreligioso.

O projeto que aqui apresentamos, tanto em seu extrato da parte teórica, como no extrato da parte disciplinar (grade de disciplinas) diz respeito apenas ao curso de graduação em Ciência da Religião, e elenca apenas as disciplinas do 2º ciclo (curso específico de graduação em Ciência da Religião). Disponibilizamos, a seguir, extrato da fundamentação teórica do curso de graduação em Ciência da Religião e, ao fim, como anexo, algumas informações condensadas sobre a grade de disciplinas do curso.

Ainda uma última informação: o projeto do curso de graduação em Ciência da Religião, redigido por estes autores (com importantes contribuições pontuais de colegas do DCRE),

foi analisado e aprovado pelo colegiado do DCRE da UFJF. Não significa isto, necessariamente, que todos os docentes do DCRE concordem, em seu todo ou de forma plena, com a argumentação teórica [fundamentos teóricos do curso] ou com a disposição/planejamento da grade de disciplinas. Contudo, o projeto, uma vez aprovado por consenso, deseja refletir, de alguma forma, uma tentativa de consenso mínimo em torno de um tema complexo e disputado. Enfim, afigura-se como um texto *a caminho* de consensos mínimos, Concomitantemente provisório e propositivo.

1. A religião da ciência

Segundo Hock,

‘religião’ abrange toda uma ‘família’ de componentes. Portanto, o termo religião precisa se referir a uma coleção de diferentes fatores, critérios e dimensões que, em seu conjunto, descrevem um quadro no qual a ciência da religião pode inserir seu objeto. No entanto, esse quadro não é ‘preestabelecido objetivamente’, mas ‘construído’ por meio da atuação de cientistas da religião (Hock, 2010, p.29).

Ou seja, religião pode ser muita coisa, conquanto o recorte e definição dela como objeto de pesquisa específica, em um tema religioso ou religião específica, por exemplo, é algo que cabe ao seu estudioso, o cientista da religião, ter a capacidade e habilidade de discernir e construir como objeto para sua pesquisa, já que a religião não se impõe, em princípio, como “evidência fática”, mas se “mostra” envolvida nas culturas que, a um tempo, a manifestam e a ultrapassam.

Seja qual for a explicação/definição que se dê para o termo religião, fato é que, de um jeito ou de outro, ela (“existe”) – com ou sem aspas, conforme as opções epistemológicas de cada pesquisador. Isto é, o objeto existe, derivado ou não. Ela existe nas manifestações culturais, nos símbolos, nos ritos, nas atitudes

religiosas das pessoas, nas instituições com suas doutrinas. A religião manifesta-se

não somente em nossa linguagem cotidiana, ela é também considerada como um dado estabelecido no direito e na legislação. Com isso, religião é mais que apenas ‘som e fumaça’ – é uma realidade social, um processo de comunicação específico que cria realidade e ganha forma real através de atos sociais. (Hock, 2010, p. 30).

Claro, em tudo isto, pode-se dizer, não está a religião propriamente em si, mas em expressões suas, manifestações empíricas, tangíveis, pictóricas, simbólicas, mas não nela mesma. Outros ainda dirão que apenas estas coisas é a tal religião: fatos sociais empíricos que existem a partir de subjetividades compartilhadas, ou não, e de olhares definidores de sentido para o mundo e para as pessoas. Mas seja lá como se interprete o que é a religião – de forma funcionalista, reducionista ou fenomenológica – ela está aí, nos gestos, expressões culturais, narrativas, guerras, cultos, festas, folclores, morais impostas ou propostas.

Embora seja sabido que não há consenso na definição deste objeto, tão fluido e abstrato para alguns, tão óbvio e empírico para outros, propõe-se, aqui, não para definir consenso, mas para oferecer um exemplo possível – ainda que provisório, como ensaio, e conservador – uma assertiva sobre religião: “é antes de tudo um pensamento estruturado, que explica o divino e o cosmos e implica uma *Weltanschauung* [visão de mundo]” (Ries, 2008, p. 17). Acrescenta-se a isto (ainda que esteja implícito na definição): estruturas sociais, culturais, simbólicas, que podem ser tanto investigadas empiricamente, quanto fenomenologicamente.

Entretanto, nesta definição que serve apenas de exemplo, a bem de aparar arestas, alguns comentários críticos se fazem necessários, no sentido de problematizar conceitos. Pode ser um “pensamento estruturado”, mas também fluido, “caótico”. Talvez seja mais justo dizer: a religião é fruto de experiências particulares

ou coletivas², que podem ser estruturadas, ou estar na ebulição de constantes trânsitos. Nem sempre a religião “explica o divino”, mas se refere ao sagrado – seja lá como este for interpretado ou explicado –, ou a coisas sagradas, ou a sentidos pessoais ou coletivos que têm como fonte elementos que se percebem para além da experiência cotidiana, prosaica ou profana. Mas, o que mais interessa na definição acima, é o *Weltanschauung* (visão de mundo). Ou, talvez, um conceito equivalente: *sistemas de referência*. Seja em que nível for esta visão de mundo, religião é elemento de compreensão – e explicação – do mundo, da vida, da dor, da esperança, do nascer, do morrer, do viver. Seja bem estruturada esta compreensão, suspeitada, vivida e definida a cada momento, ou sentida de forma caótica ou linear. Mas desta *Weltanschauung*,

² Pesquisadores de várias áreas do saber, como o canadense Steven Engler (professor da *Mount Royal University*, em Calgary, Canadá), em sua conferência no XII Simpósio Nacional da ABHR (01/06/2011), ocorrido na UFJF, contestam os conceitos de experiência (religiosa) e imaginário como não redutíveis à análise de pesquisa científica. Entretanto, entende-se, aqui, que tais conceitos podem (e devem) ser operacionais para uma Ciência da Religião, ainda que possam ser concebidos como fora de alcance de verificação empírica, sobretudo para ciências modernas e suas abordagens metodológicas. E por que podem (e devem) ser operacionais e úteis à Ciência da Religião? Porque as pessoas e grupos religiosos referem e vinculam suas crenças, seu agir, suas vidas a tais experiências. Portanto, cabe à Ciência da Religião o desafio de também buscar em seu labor científico chegar-se à investigação deste universo não empírico ou subjetivo. Ora, às ciências em geral cabe serem desafiadas a descobrir novas possibilidades e paradigmas de análise e solução de problemas. Por qual razão seria, de antemão, vedada esta tarefa a uma ciência que pretende investigar religião? Ou mesmo recriminá-la por colocar e desenvolver conceitos como “experiência religiosa” enquanto pressupostos plausíveis para sua pesquisa? Falta do objeto? Mas, volta à baila a pergunta, o que é objeto? Quem define legitimamente o que é um objeto de pesquisa, sua existência e plausibilidade de análise? Os pressupostos reducionistas e positivistas de ciência? Para além de uma discussão epistemológica, esta é uma discussão que pode ser ideológica, política e datada historicamente. É preciso ter o cuidado para que determinados axiomas de ciência – e o próprio termo – não se tornem religiosos, ou mesmo seu próprio deus em seus dogmas. “Mas há ainda uma questão de fundo mais epistemológico nesta constatação da falácia da modernidade em tentar expurgar a religião: a ideia de que sua origem e sua constituição deveriam ser procuradas fora da religião. Um dos problemas da modernidade não foi a associação da religião a instâncias e fenômenos fora da religião, mas sua redução a esses elementos. Talvez passada esta fase mais crítica da modernidade, possamos chegar à conclusão de que a religião não deveria ser mais estudada como fenômeno explicado a partir de outro, mas como algo *sui generis*, que precisa ser estudado a partir de seus sistemas internos de referência” (Magalhães; Portella, 2008, p. 25). Nesse sentido cabe aqui a pergunta de Luís Pondé: “Não seria a não experiência do ‘tato religioso’ um caso particular e culturalmente recente de uma ‘miséria’ da cognição?” (Pondé, 2001, p. 57).

ou dos sistemas de referência, emergem festas, lutos, lutas, política, guerra, paz, morte, vida, condenação, perdão, alegria, paz, angústia, medo, moral ou ética. Emerge um mundo. Com isto, claro, não se está a dizer que a religião é, necessariamente ou fundamentalmente, o elemento a definir vidas, sociedades e mundo. Mas ela não é somente coadjuvante. Ela, em sua multivariada de faces, pode ser - e é - influenciada e estruturada por elementos sociais. Mas também influencia e estrutura o social, a vida, a partir de sua suposta ordem interna. Aqui está um pouco de sua dialética, e da dificuldade em decifrá-la.

Assim, economia, processos sociais e políticos, entre outras coisas, podem desenhar rostos da religião, ou mesmo defini-la (?). É o debate inevitável: religião – como visão de mundo – é derivada ou inderivada? Diriam os adeptos de armistícios: é derivada em suas expressões socioculturais, mas inderivada em um núcleo basilar, o da experiência – possivelmente universal – dela, do sagrado, do que toca de forma incondicional experiências humanas particulares ou coletivas. Mas, sabe-se, este armistício pode ser artificial: não há consenso, efetivamente, em se aliar interpretações que se querem, propositalmente ou não, díspares. Como ficaria, então, uma ciência sem um objeto que seja, para ela, elemento consensual? Ora, cabe assim aos que estudam religião – seja como interpretem o termo e o “existir” do “objeto” (com ou sem aspas, como se desejar) – justamente a tarefa de, sob investigação e pesquisa, buscar conhecimento sobre este objeto. Ou resta-nos dizer com o poeta Antonio Machado: “Caminante, son tus huellas el camino, y nada más; caminante, no hay camino, se hace camino al andar”. É no caminho que se faz ciência. A Ciência da Religião, já a caminho desde o século XIX, aposta – e sustenta – que, caminhando, encontra-se, de um jeito ou de

outro, o objeto. E não seria toda ciência, *a priori*, uma aposta em descobertas?³

Enquanto se caminha em ciência para se “definir”, no caminho e sob caminhada, o objeto, “recomenda-se, efetivamente, renunciar a uma definição do termo religião [...] isso vai ao encontro da tendência observada também em outros cientistas da religião a deixar a questão em aberto, em definir a religião como ‘conceito aberto’” (Hock, 2010, p. 27). Assim, religião permanece como objeto, pois a falta de consensos a respeito de algo não exime este algo de ser um objeto real e investigável, embora isto imponha problemas para o método de investigá-lo, advogando-se, entre alguns, a impossibilidade de um método único de investigação, ou de uma ciência. Para tentar dirimir ou amenizar este “problema” (relação objeto/método/ciência),

se for desejável preservar a autonomia da pesquisa da religião como disciplina científica, talvez seja preciso estabelecer não necessariamente uma definição estreita, mas pelo menos uma caracterização aproximativa de “religião” (Hock, 2010, p. 27)⁴.

³ Greschat (2006, p. 117) discorda de que se possa *explicar* ou *definir* o(s) fenômeno(s) religioso(s), ou o que seja religião. As respostas à pergunta “o que é religião?” são sempre parciais. O conceito “descobertas”, portanto, não se refere a encontrar o objeto tal qual, mas aos esforços por definições parciais em e sob caminho, que exigem constante atenção para que, sob o signo pretensamente legitimador de uma ciência, não se diga que religião é, enfim, isto ou aquilo. Estaríamos, neste caso, já na perigosa fronteira da ideologia.

⁴ Quando Hock fala em “preservar a autonomia da pesquisa da religião” refere-se em definir uma ciência para a análise da religião que não seja apenas derivada, dependente ou vassala de outras ciências que não têm como seu específico a religião; ciências estas que, no entanto, têm a religião como um campo de investigação dentre outros, ou dependente de outros. Hock quer apontar para a possibilidade de uma ciência que, na interlocução com outras, defina-se em autonomia metodológica, usando e partilhando a interlocução metodológica com várias ciências e, assim, criando um viés interdependente em uma ciência que se quer singular, mas singular porque plural e sob pluralidade. O que não significa, necessariamente, apontar um caminho permeado ou definido, na gerência (e/ou ultrapassagem) destas ciências, por uma ciência específica. Conforme o autor, “a religião como fenômeno cultural é tão amalgamada com outras áreas da cultura – economia, direito, arte, ordem política e social etc. – que não pode ser contemplada como fenômeno autônomo, mas somente nessa interdependência” (Hock, 2010, p. 27).

Entende-se, portanto, que definições aproximativas de religião podem e devem ser oferecidas – como a de Rien –, desde que problematizadas no curso da pesquisa e sempre consideradas como, a um tempo, operacionais e, também, provisórias, ou aproximativas. Isto, na interpretação aqui esboçada, corresponderia a um “conceito aberto” sobre religião, o que não poderia ser confundido com “conceito nenhum” sobre religião.

2. A ciência da religião

Da(s) possível(eis) definição(ões) sobre religião, automaticamente já entrou-se na(s) definição(ões) de ciência. Tempos atrás religião cabia à competência da Teologia tão somente (ela, também, envolta em discussão sobre sua cientificidade, quando a queria reivindicar). Mas, enfim, estudar religião, neste caso, não causa(va) maiores celeumas, ao menos no meio acadêmico civil. Afinal, seu estudo (da Teologia) – ao menos no Brasil – é (era?) restrito a ambientes fora da academia civil e pública, e com interesses específicos institucionais.

A Ciência da Religião, entretanto, não é Teologia. Não pretende partir de um pressuposto qualquer de fé ou doutrina religiosa para estudar uma religião específica, ou o fenômeno religioso. Quer ser uma ciência e, neste sentido, se alinha à concepção ideal moderna de ciência: neutra e sem axiomas de valor; fundada na análise, verificação, comparação, reflexão autônoma, e, se possível, na procura de resultados úteis à comunidade universal, e não a um grupo específico. A Ciência da Religião é, assim, uma ciência que surge no bojo da modernidade, e, diga-se, de uma modernidade positivista, evolucionista e arreligiosa, tendo, em tempos modernos, o conceito Ciência da Religião surgido, pela primeira vez, na pena de Max Müller (1823-1900), professor da Universidade de Oxford.

Mas qual a razão de uma ciência para estudar religião⁵? Haveria fundamento nisto? Religiões são estudadas, na modernidade acadêmica, por disciplinas já consagradas: pela Sociologia, Antropologia, Filosofia, Psicologia, História, etc. Cada campo do saber, ou disciplina acadêmico-científica, a tem visto, analisado, perscrutado, julgado por seu ponto de vista específico, dependente de sua metodologia e *episteme*. E, por isso mesmo, trata-se normalmente de uma visão bastante parcial e fragmentária da religião, embora legítima [a partir da metodologia de cada disciplina] e relevante. O diferencial de uma Ciência da Religião está justamente em (tentar) buscar uma visão holística que perceba a religião como fenômeno humano multifacetado. É ousar ver – e interpretar - seu objeto como uma totalidade, mesmo em meio às suas especificidades. Ao menos este é o ideal [Greschat, 2006, p. 24]. Romantismo e ingenuidade científico-acadêmica? Mas o que seria da ciência [qualquer uma] sem o traçar de metas ideais, pontos fulcrais a que se pretende chegar? Pode-se até fracassar ao final, mas seria covarde e injusto abortar qualquer projeto de ciência, em seus ideais, alegando-se “idealismo”. Seria mesmo negar a ciência como esforço por método, por clarear-se a si mesma epistemologicamente.

3. Ciência da Religião: autonomia e interdependência

Luís Felipe Pondé [2001, p. 64] afirmou que a questão epistemológica em Ciência da Religião é complexa, sem que algum tipo de “contrato epistemológico” venha a resolver o problema. É, de certo modo, constatação – e previsão – pessimista. Reconhecemos esta dificuldade por busca de “contratos epistemológicos”, ou, a bem de dizer melhor, ensaios de propostas que visem um chão comum mínimo em que se

⁵ E aqui o termo no singular é significativo. Pois na concepção de alguns dos pioneiros dos estudos científicos (ou não teológicos) da religião, acreditava-se que, ao estudar as religiões comparativamente (em vários níveis) se poderia chegar a uma essência do que é a religião e de sua evolução histórica.

possa pisar com alguma segurança, consensos mínimos, mas detentores de alguma estabilidade. Estes “consensos mínimos” não querem, de forma alguma, adquirir estatuto de “verdade” quanto à questão, ou *modus operandi* ideal, ou epistemologia acabada. “Consenso mínimos” têm, justamente, esta função: o de ser referência *básica*, um ponto de partida. Referência esta que pode conter, em si, contradições e idiossincrasias, mas que não por isto deixa de ser referência mínima legítima, pois contradição e idiossincrasia, além de serem comuns à vida humana, também se apresentam às compreensões e autocompreensões científicas, que, a partir do paradigma desenvolvido por Karl Popper, precisam estar cientes da falsificabilidade enquanto critério de juízo fundamental para caracterizar teorias (e a própria compreensão de ciência). Assim, conhecimento/ciência se mostra sempre em sua forma conjetural.

A Ciência da Religião (no singular) costuma ser compreendida como o projeto de uma ciência que unifique/sistematize várias disciplinas para uma abordagem científica da religião; ou que crie, a partir de várias disciplinas, um método específico seu. Ou, ainda, que proponha uma perspectiva polimetódica com foco na religião. Ainda no conceito de Ciência da Religião, a religião, estando no singular, revela que pode ser entendida de forma substancial, e não apenas como expressões humanas puramente sociais/funcionais, ou derivadas delas, como o plural “religiões” pode sugerir. Tratar-se-ia de estudar não as religiões, mas a religião presente nas religiões, em abordagem hermenêutica.

Porém, nem sempre Ciência da Religião, no singular, aponta para um conceito/projeto de aura fenomenológica, por exemplo. A expressão *Ciência da Religião*, conforme Frank Usarski (2004), não conduz necessariamente a uma abordagem fenomenológica.

Para Filoramo e Prandi “não é pensável que um simples estudioso tenha a pretensão de orientar-se com igual domínio nos diversos campos disciplinares que formam as atuais ciências das religiões” (Filoramo; Prandi, 1999, p. 6). Quereria a Ciência da Religião produzir um superacadêmico, supradisciplinar em

competências e operacionalidades? Não se trata de tal ousadia. Contudo, algumas questões devem ser aclaradas.

O presente artigo, no que tange à compreensão sobre o que é Ciência da Religião, visa ultrapassar paradigmas que não se entendem em caminhada conjunta ou holística, ou ao menos *sistematicamente dialogal*, sobre a Ciência da Religião. Filoramo e Prandi talvez contribuam para a percepção de um quadro às vezes esquizofrênico em Ciência da Religião (que aqui se pretende superar) ao nomear a medida de tensões e polêmicas evidenciadas na oposição de duas escolas distintas: explicação e compreensão. A escola da explicação, em cujo nicho estariam as ciências sociais e da mente, trataria a religião de forma empírica tão somente, como, a exemplo, manifestação sócioantropológica ou psíquica, e redutível a ser explicada em suas funções e estruturas em relação ao meio social ou às predeterminações psíquicas, como seu produto. É o que aponta com clareza, quanto às Ciências Sociais, Paula Montero: “Os fenômenos religiosos interessam-me, não como um campo em si mesmo de investigação, mas como via de acesso à compreensão da sociedade brasileira” (Montero, 1999, p. 329). Aqui está, grosso modo, o caminho da explicação, ou seja, não considerar a religião em si, mas de forma funcional em relação à sociedade, ou a outro elemento exterior à própria religião. O que se estuda, a partir deste paradigma, é a sociedade, ou a psique, ou a luta de classes, ou o mercado, etc. Porém, “uma investigação que se referisse ao objeto religião apenas para comprovar um objeto não religioso não seria, do ponto de vista da Ciência da Religião, uma pesquisa” (Greschat, 2006, p. 39). Esclarecendo: não seria uma pesquisa de/em Ciência da Religião. Ou, em outras palavras, para analisar, *via religião*, outros objetos ou campos de pesquisa que não a própria religião – enquanto concebida como objeto fulcral de investigação – então seria mais honesto, e prático, simplesmente, por exemplo, uma área de pesquisa, em um Departamento de Psicologia, de Psicologia da Religião; uma, no Departamento de História, de História das Religiões; uma, no Departamento de Ciências Sociais, de

Ciências Sociais da Religião; e assim adiante. Mas Ciência da Religião, conforme aqui compreendido, é mais que isto.

Já o polo da compreensão vê nas religiões certa autonomia em relação às suas expressões sócio-históricas. Assim, a religião também diz a si mesma, e não somente a coisas diferentes, como pressupõe a escola da explicação. Filoramo e Prandi (1999) defendem a ideia – a começar pelo título do livro que escrevem – de que esta tensão entre dois modelos deve ser diluída por um modelo de integração, no pluralismo metodológico, em que cada disciplina (de viés explicativo ou compreensivo) resguarde, no seu interior, os seus próprios pressupostos metodológicos e de cientificidade. Propõe as Ciências das Religiões como campo disciplinar, dinâmico em diálogos entre as disciplinas. Portanto, não uma justaposição ou sincretismo metodológico. Mas uma confederação que resguarde a autonomia (as leis metodológicas internas) das disciplinas⁶.

Os autores falam de uma autonomia relativa da religião, ou seja, existiria sim uma linguagem religiosa a perpassar as religiões, um fio comum, certa autoregumentação. Contudo, o acesso do estudioso é em relação às religiões históricas. São estas a que ele teria acesso, e não a uma suposta religião essencial. Enfim, o que se estuda são as mediações culturais de certa estrutura simbólica sempre presente. É a isto, de fato, a que o pesquisador tem acesso, o seu possível. Portanto, importa não privilegiar nem uma abordagem que se queira descobridora de uma religião substancial, nem a que vise só as funções da religião na sociedade e cultura, ou psique; mas fazer estas duas perspectivas dialogarem criativamente e polinizaram-se, ainda que não se proponha um sincretismo metodológico.

Frank Usarski (2006) define a Ciência da Religião como ciência autônoma, em que os pesquisadores compartilham suas convicções teóricas em um conjunto de postulados consensuais. O que se pergunta é a que ponto a proposta de Filoramo e Prandi prevê este “conjunto de postulados consensuais”, pois que faz

⁶ Quanto à análise desta discussão em Filoramo e Prandi, ver Camurça (2008).

as ciências dialogarem, mas parece não prever um *background* de “postulados consensuais” em que se fundaria uma Ciência da Religião autônoma a ser regente, e não regida.

Joachim Wach (1990) por sua vez, postulava uma Ciência da Religião em que as ciências empíricas e as ciências apriorísticas (Fenomenologia, Teologia), pudessem conviver num casamento de contrários dentro de uma mesma casa, a casa de uma Ciência da Religião. Neste sentido Usarski (2006) chama a atenção para a Ciência da Religião enquanto metarreflexão, por seu próprio caráter tensional entre as tendências reducionistas e as fenomenológicas.

Wach se distancia da perspectiva de uma área de estudos (composta de diferentes ciências) para a perspectiva de uma metodologia de estudo, ou melhor, uma ciência, da religião, que se utiliza de vários enfoques sem ser refém de nenhum, ou sem vassalagens exclusivas e só eventualmente dialogais. Para tanto Wach propõe uma Ciência da Religião que seja descritiva e hermenêutica, que una abordagens explicativas e compreensivas. Colin Campbell (1997), ao apontar para a orientalização do Ocidente, chama a atenção de que, neste volver de paradigmas, o binômio *sim ou não* dá lugar ao modelo *sim e não*. Isto é, usufruir do paradoxo e harmonizar os contrários.

Entende-se que a Ciência da Religião deve superar a diferenciação/dualismo de semânticas (como compreensão *versus* explicação), e, superando dicotomias, fazer com que áreas de saber específico sobre a religião não se isolem, mas se permeiem, não necessariamente em alguma síntese metodológica ou de resultados, mas ao menos em uma abordagem sobre a religião que se queira holística ou interdependente. Portanto, “desse modo, também a pergunta pela preferência de uma compreensão mais substancialista ou mais funcional de religião passa a segundo plano, tanto mais que é preservada a possibilidade de articular os dois conceitos” (Hock, 2010, p.29).

Conforme Dierken,

o pensamento religioso, a descrição analítica da religião e a reflexão conceitual-categorial sobre a religião são atividades imemoriais. Já a divisão segundo diferentes disciplinas da ocupação científica com a religião, junto com suas respectivas pretensões concorrentes entre si, é um fenômeno da modernidade (Dierken, 2009, p. 9).

Não se trata de olvidar ou tentar anular o seccionamento que a modernidade trouxe ao criar e conferir cada vez mais especialidades específicas aos estudos, às ciências, enfim, à investigação sobre o mundo. Trata-se, contudo, de ensaiar novos paradigmas, que busquem relativa superação deste seccionamento – algumas vezes corporativo e de interesses alheios à boa ciência –, visando um discurso/análise sobre a religião que esteja para além de compartimentações e corporativismos epistemológicos. Nas palavras de Greschat, “religião como totalidade torna-se um divisor de águas entre cientistas da religião e outros cientistas que se ocupam apenas esporadicamente da religião” (Greschat, 2006, p. 24).

Conforme Japiassú, o

espaço do interdisciplinar, quer dizer, seu verdadeiro horizonte epistemológico, não pode ser outro senão o campo unitário do conhecimento. Jamais esse espaço poderá ser constituído pela simples adição de todas as especialidades nem tampouco por uma síntese de ordem filosófica dos saberes especializados. (Japiassú, 1976, p. 74).

Sem querer a simples adição disciplinar, em uma espécie de enciclopedismo, ou pleitear uma síntese geral e/ou sistema de cunho filosófico. Assim, interdisciplinaridade necessita superar um mero agrupamento descompromissado de ciências em que cada qual, nos encontros da/na *Àgora* interdisciplinar, faz seu discurso de forma indiferente às demais, pois que “a característica central da interdisciplinaridade consiste no fato de que ela *incorpora* os resultados de várias disciplinas, compara,

julga e *promove a integração das mesmas*” (Japiassú, 1976, p. 75). Postula-se aqui interdisciplinaridade como interdependência entre as ciências, sem que com isto se postule metodologias e conclusões unificadas, como em um totalitarismo epistemológico.

Se, por um lado, a exemplo, as ciências do social asseveram que a religião, para suas metodologias específicas, mostra-se – e a isto é a que se tem acesso – sempre em, com e sob formações socioculturais, elas, em reverso, não tem ou reivindicam acesso direto ao sentido religioso subjetivo, que se operacionaliza em formas socioculturais. Para tanto caberia à fenomenologia o perscrutar e racionalizar o sentido religioso (Dierken, 2009, p. 22-23). É nesta ambivalência, troca e visada de fronteiras, que a Ciência da Religião se encontra: em estudar a religião em todas as suas derivações possíveis, em uma abordagem que antes privilegia a *busca* de sínteses interpretativas – ainda que necessariamente provisórias e dialeticamente reversíveis – do que narrativas científicas isoladas sobre o objeto de pesquisa.

Considerações finais

Definindo resumidamente a Ciência da Religião para a compreensão aqui advogada, entendemos que a definição de Dierken é bastante apropriada:

Na óptica da ciência da religião, as seguintes [características]: a *epoché* quanto à convicção de verdade; o uso de métodos empírico-fenomênicos; a distância de instituições religiosas; a visada comparativa de diferentes culturas religiosas com a concomitante abstenção de juízos de valor – em suma: a descrição neutra quanto à validade em perspectiva externa. (Dierken, 2009, p. 12).

Em complemento a isto, a Ciência da Religião deveria ser entendida como “a pesquisa empírica, histórica e sistemática da religião e de religiões” (Hock, 2010, p. 13).

Neste sentido, conforme Greschat (2006), uma Ciência da Religião tem por finalidade observar seu objeto *em totalidade*

a partir de quatro momentos. Religião forma comunidades cognitivas, eclodidas de compreensões (experiências) comuns em torno de certos pressupostos de crença e visão do mundo, formando tradições religiosas. São empirias observáveis para a análise. Religião, ainda e a partir do dito acima, costuma gerar doutrinas, uma lógica explicativa à fé. Religião é, em suporte ou consequência do já dito, vida dinâmica, portanto se manifesta em atos, e seu dinamismo se revela em atitudes, coletivas ou pessoais, possíveis de serem mensuradas e interpretadas em sua empiria e em suas localizações sociais e culturais. E, por último, o que seria o mais nodal: religião pode ser experiência religiosa, subjetiva, íntima. Esta, de certa forma (ou de toda forma?) é inobservável, é vedada ao sensorial do cientista, foge à empiria convencionalizada pelas ciências tradicionais modernas. Mas é preciso aí também tentar se aventurar a fazer ciência, ainda que fugindo (superando) de paradigmas tradicionais e convencionalizados do que seja um objeto para a ciência que se possa efetivamente investigar. A Ciência da Religião assume este desafio. Não contra as ciências que concebem a religião apenas como derivativa e no nível da empiria, e só observável nela. Mas em unidade com esta concepção tradicional e em busca de novos paradigmas.

Referências Bibliográficas

CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, vol. 18, n. 1, Rio de Janeiro, 1997, p. 5-22.

CAMURÇA, Marcelo. *Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008.

DIERKEN, Jörg. Teologia, Ciência da Religião e Filosofia da Religião: definindo suas relações. *Numen*, vol. 12, n. 1 e 2, Juiz de Fora, 2009. p. 09-44. Tradução: Luís Henrique Dreher.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2006.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.

JAPIASSÚ, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MAGALHÃES, Antonio; PORTELLA, Rodrigo. *Expressões do sagrado: reflexões sobre o fenômeno religioso*. Aparecida: Santuário, 2008.

MONTERO, Paula. Religião e dilemas da sociedade brasileira. In: MICELI, Sérgio. *O que ler em ciência social no Brasil*. Caxambu, ANPOCS, 1999.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PONDÉ, Luís Felipe. Em busca de uma cultura epistemológica. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*. Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

RIES, Julien. *O sentido do sagrado: nas culturas e nas religiões*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Joachim Wach e a Ciência da Religião. In: _____ (Org.). *Dicotomias religiosas: ensaio de sociologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 108-130.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *O Espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo : Paulinas, 2005.

_____. *Os Enganos sobre o Sagrado – Uma Síntese da Crítica ao Ramo “Clássico” da Fenomenologia da Religião e seus Conceitos-Chave*. *Rever*, ano 4, n. 4, São Paulo: PUC, 2004, p. 73-95.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes, 2004.

WACH, Joachim. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1990.

Anexos:

Grade de Disciplinas Licenciatura

Distribuição de carga horária obrigatória por eixos e núcleos

Eixo 1: Tradições Religiosas (Comum)	Eixo 2: Religiões e Temas (Comum)	Eixo 3: Pesquisa em Religião (Bacharelado)	Eixo 4: Formação Pedagógica (Licenciatura)
<p><i>Núcleo: Tradições (T1)</i></p> <p>Religiões do Mundo Antigo</p> <p>Religiões da China e Japão</p> <p>Religiões da Índia</p> <p>Budismo</p> <p>Religiões Africanas</p> <p>Religiões Ameríndias</p> <p><i>(T 2)</i></p> <p>Judaísmo</p> <p>Cristianismo I (Origens)</p> <p>Cristianismo II (Desenvolvimentos)</p> <p>Islamismo</p> <p><i>Núcleo: Tradições Contextuais (TC 1)</i></p> <p>Catolicismo</p> <p>Protestantismo</p> <p>Pentecostalismo</p> <p><i>(TC 2)</i></p> <p>Religiões Afro-Brasileiras</p> <p>Espiritismo Kardecista</p> <p>Novas Expressões Religiosas</p>	<p><i>Núcleo: Religião e Questões Contemporâneas</i></p> <p>Religião, Tolerância e Ecumenismo</p> <p>Religião, Modernidade e Secularização</p> <p>Religião, Pós-Modernidade e Pós-Colonialidade</p> <p>Religião, Política e Espaço Público</p> <p>Religião e Violência</p> <p>Religião e Estilos de Vida Contemporânea</p> <p>Religião, Saúde e Bioética</p> <p>Religião, Gênero e Sexualidade</p> <p><i>Núcleo: Religião e Outros Discursos</i></p> <p>Religião e Artes</p> <p>Religião e Mística</p> <p>Religião e Teologia</p> <p>Religião e Psique</p> <p>Religião e Educação</p> <p>Religião e Ciência</p>	<p><i>Núcleo: Textos Religiosos</i></p> <p>Leitura de Textos Religiosos Clássicos I</p> <p>Leitura de Textos Religiosos Clássicos II</p> <p>Leitura de Textos Religiosos Modernos I</p> <p>Leitura de Textos Religiosos Modernos II</p> <p><i>Núcleo: Teoria e Metodologia</i></p> <p>Análise e Interpretação em Ciência da Religião</p> <p>Tempo e Espaço em Ciência da Religião</p> <p>Pesquisa em Ciência da Religião</p> <p>-----</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso I – TCC I</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso II – TCC II</p>	<p><i>Disciplinas Teóricas</i></p> <p>Saber da Ciência da Religião/Ensino Religioso Escolar</p> <p>Estado, Sociedade e Educação</p> <p>Processo de Ensino-Aprendizagem</p> <p>Metodologia do Ensino Religioso</p> <p>Políticas Públicas e Gestão do Espaço Escolar</p> <p>Questões Filosóficas Aplicadas à Educação</p> <p>Libras</p> <p><i>Disciplinas Práticas</i></p> <p>Prática Escolar I</p> <p>Prática Escolar II</p> <p>Prática Escolar III</p> <p>Estágio I</p> <p>Estágio II</p>

Licenciatura

Distribuição de carga horária obrigatória por eixos e núcleos

Eixo Tradições Religiosas Núcleo: Tradições	6 Disciplinas (3 T1 ; 3 T2)	24cr	360h
Eixo Tradições Religiosas Núcleo: Tradições Contextuais	4 Disciplinas (2 TCI ; 2 TC2)	16cr	240h
Eixo Religiões e Temas Núcleo: Religião e Questões Contemporâneas	2 Disciplinas	8cr	120h
Eixo Religiões e Temas Núcleo: Religião e Outros Discursos	2 Disciplinas	8cr	120h
Eixo Formação Pedagógica Disciplinas Teóricas	7 Disciplinas	28cr	420h
Eixo Formação Pedagógica Disciplinas Práticas	3 Disciplinas	12cr	180h
<i>Eixo Formação Pedagógica Disciplinas Práticas</i>	<i>Estágio I e II</i>		400h
TOTAL [2º Ciclo – Licenciatura]	24 Disciplinas	96cr	1.840h
<i>TOTAL 1º e 2º Ciclos, a partir dos aproveitamentos de créditos do 1º Ciclo [Bacharelado em Ciências Humanas / Licenciatura em Ciência da Religião]</i>		164cr	3060h

Bacharelado

Distribuição de carga horária obrigatória por eixos e núcleos

<i>Eixo Tradições Religiosas</i> <i>Núcleo: Tradições</i>	<i>6 Disciplinas</i> <i>[3 T1 ; 3 T2]</i>	<i>24cr</i>	<i>360h</i>
<i>Eixo Tradições Religiosas</i> <i>Núcleo: Tradições Contextuais</i>	<i>4 Disciplinas</i> <i>[2 TC1 ; 2 TC2]</i>	<i>16cr</i>	<i>240h</i>
<i>Eixo Religiões e Temas</i> <i>Núcleo: Religião e Questões Contemporâneas</i>	<i>2 Disciplinas</i>	<i>8cr</i>	<i>120h</i>
<i>Eixo Religiões e Temas</i> <i>Núcleo: Religião e Outros Discursos</i>	<i>2 Disciplinas</i>	<i>8cr</i>	<i>120h</i>
<i>Eixo Pesquisa</i> <i>Núcleo: Textos Religiosos</i>	<i>2 Disciplinas</i>	<i>8cr</i>	<i>120h</i>
<i>Eixo Pesquisa</i> <i>Núcleo: Teoria e Metodologia</i>	<i>2 Disciplinas</i>	<i>8cr</i>	<i>120h</i>
<i>TCC I e II</i>			<i>200h</i>
TOTAL (2º Ciclo – Bacharelado)	18 Disciplinas	72cr	1.280h
<i>TOTAL 1º e 2º Ciclos, a partir dos aproveitamentos de créditos do 1º Ciclo</i> <i>(Bacharelado em Ciências Humanas / Bacharelado em Ciência da Religião)</i>		140cr	2500h

Coerência da Grade Curricular com o perfil da Graduação em Ciência da Religião

A Grade Curricular abrange quatro Eixos para o graduando em Ciência da Religião (Bacharelado ou Licenciatura), sendo que as disciplinas neles constantes são, cada uma, de quatro (04) créditos, ou sessenta (60) horas. Os dois primeiros Eixos, nomeados como “comuns” (pois destinam-se tanto ao Bacharelado como à Licenciatura), abrangem a área mais nodal e específica para um cientista da religião: o conhecimento das tradições religiosas presentes nas sociedades e temas específicos que estão envolvidos, de forma direta ou indireta, com as religiões em suas expressões organizadas ou não. Os Eixos, por conseguinte, são repartidos por núcleos. No Eixo *Tradições Religiosas* busca-se fazer um inventário o mais abrangente possível das religiões, tanto diacronicamente como sincronicamente; religiões distantes de nossa realidade sociocultural, e religiões próximas e internas a ela; religiões extintas e religiões vivas. O Eixo se divide, portanto, em seus núcleos, na análise daquelas religiões exógenas à cultura brasileira, ou que aqui se fazem presentes em forma minoritária (através de migrações ou missões), mas que são matrizes religiosas fundamentais para a compreensão do fenômeno religioso; e em analisar religiões que fazem parte de forma arraigada da estruturação sociocultural brasileira, como o cristianismo, em suas tradições interiores mais influentes, e as religiões afro-brasileiras e mediúnicas. Agrega-se a estes dois núcleos, em extremidades opostas, o estudo das religiões do mundo antigo, já desaparecidas em nossos contextos socioculturais atuais, e as novas expressões (ou movimentos) religiosos, que, por sua vez, podem a um tempo resgatar elementos de religiões do mundo antigo, ou apresentar novas sínteses ou invenções de religiões do presente. O educando em Ciência da Religião poderá ter, com este quadro formativo, uma visão geral do fenômeno religioso que se apresenta nas sociedades humanas, em religiões organizadas ou em cosmovisões religiosas.

○ Eixo *Religião e Temas*, por sua vez, diz respeito às análises sobre como as religiões (agentes religiosos diversos, desde indivíduos e grupos até organizações institucionais, bem como novas sensibilidades ou dinâmicas sociorreligiosas) interpretam, se relacionam e interagem – em seu interior ou em interlocução com a sociedade e a cultura – com questões específicas que a contemporaneidade coloca a elas, ou que são interiores a elas (religiões, agentes religiosos). Este Eixo, portanto, apresenta um rosto mais sincrônico (que, contudo, também tem traços diacrônicos), e traz debates atuais e complexos para a análise da religião. Visa, portanto, apontar as tensões, oportunidades e dificuldades que as religiões encontram em seu habitar social e cultural pluralista. Perguntam também, as disciplinas dos núcleos, em que medida as religiões influenciam a sociedade moderna e por ela são influenciadas, em uma circularidade ou dialética. E, nesta complexa dialética, quais os papéis que a(s) religião(ões) exerce(m), ou pode(m) exercer, na sociedade contemporânea e em suas agendas. E vice-versa: como a sociedade contemporânea lida ou exerce influência sobre a agenda religiosa. ○ Eixo também oferece disciplinas que intentam esclarecer como o(s) discurso(s) religioso(s) se relaciona(m) com outros discursos que interpelam a religião ou mesmo que são internos ou marginais a ela.

Os Eixos restantes se concentram em temas de estudo pertinentes ou ao Bacharelado, ou à Licenciatura. ○ Eixo *Pesquisa em Religião*, reservado ao Bacharelado, oferece disciplinas que privilegiam o método, os conceitos, a interpretação, a hermenêutica, os instrumentais e ferramentas de análise. Entre elas observam-se disciplinas que levam o educando a ter contato com fontes primárias, a orientar-se sobre as possibilidades de como conhecê-las, interpretá-las, e, também, disciplinas que problematizam e discutem a própria Ciência da Religião, possibilitando que o Bacharel possa fazer sobre sua própria ciência juízos interpretativos e análises conceituais, no sentido de torná-lo alguém capacitado a, a partir de lugares seguros epistemologicamente (ou na busca reflexiva sobre eles), atuar em

discurso autorizado em seus locais de interlocução profissional. Entrementes também inclui disciplinas que introduzem o futuro bacharel às técnicas de pesquisa qualitativas e quantitativas.

Finalmente, para aqueles que desejam a formação ao magistério, o Eixo de *Formação Pedagógica*, desenhado e gerido por profissionais da Faculdade de Educação da UFJF, traz, em suas disciplinas teóricas e práticas a formação necessária à constituição de um profissional de educação que tenha por disciplina a ministrar o Ensino Religioso. As disciplinas teóricas oferecem a possibilidade do educando conhecer questões referentes aos processos de educação, desde os pedagógicos e didáticos que têm como tema direto a religião e seu ensino, como os que se referem às relações entre educação, legislação e políticas públicas. Também formam, as disciplinas do Eixo, para uma correta compreensão, por parte do educando, das relações ensino-aprendizagem em seus diversos níveis. As disciplinas práticas, por sua vez, possibilitam ao educando o contato com a prática em sala de aula, e com tudo o que isto comporta: tensões, conflitos, planejamentos, recursos didáticos, relações humanas, oportunidades e dificuldades. É o momento (e o desafio) em que a teoria deve fazer-se carne e habitar o mundo real, fora do mundo da academia.